

6 ABR 1988

A preciosa varinha de condão

L. G. NASCIMENTO SILVA

O Presidente José Sarney, em mais de um pronunciamento à Nação, tem prometido governá-la agora livre das peias e injunções do partido majoritário, o PMDB, a que se considerava jungido por fidelidade política. Livre de tal subordinação, diz ele, dirigirá agora o País com a preocupação de contornar a difícil situação econômica em que estamos mergulhados, reduzindo a dívida interna a 3% ou 4% do PIB, acertando com nossos credores nossa posição com relação à dívida externa, e fazendo o País retornar o crescimento econômico que apresentou até o ano de 1981.

Todos cremos em sua boa vontade quando faz tais promessas. Mas, resta ver se conseguirá ele vencer seu lado de bonomia, característica de sua própria natureza, para adotar uma postura de intransigência que é necessária para superar resistências a acomodações políticas.

Os dois Ministros da área econômico-financeira, o da Fazenda e o do Planejamento, parecem não ser de tempera dúctil. Resistirão, se forem apoiados de cima, às pressões mais fortes contra medidas necessárias à correção de rumos. Afinal trata-se de salvar o País. E isso só se conseguirá por uma invariável obediência a uma bússola norteadora de novos rumos para a economia do País.

É que as possibilidades econômicas do Brasil são mesmo extraordinárias, e estão à vista a olho nu. Com toda a mixórdia nacional nossa agricultura se alargou consideravelmente, e produziu alimentos para sua população em expansão e para uma considerável parcela de nossas exportações. Nossa indústria também não está parada e, ao contrário, atende ao desenvolvimento do País e mesmo à exportação de grande vulto. E o comércio e os serviços, igualmente, têm tido um crescimento regular. Mas, tudo isso bem aquém das reais capacitações do País, que paga um tributo excessivo à estatização da economia nacional.

Precisamos olhar para fora e ver que o Mundo todo caminha no sentido de desvincular a maior parte da economia e da produção de controles estatais. É importante ver-se, por exemplo, como a Inglaterra, sob o governo Thatcher, se foi desvincilhando da estatização excessiva de administrações anteriores, reduzindo sua pesada tributação, e recompondo com isso sua economia e o bem-estar de sua população.

Mesmo países sob governos socialistas, como a Espanha,

têm deixado de lado suas posturas doutrinárias para adotar políticas econômicas pragmáticas, de liberalismo negocial, com real proveito para suas finanças e para expansão de sua economia. Na França o Presidente François Mitterrand, candidato a uma reeleição, afirma que não propugnará por novas estatizações de empresas, e anuncia-se já que deverá chamar para Primeiro-Ministro um político de filiação direitista. E assim parece que vão marchando as coisas no mundo desenvolvendo.

Não é tempo, pois, de o Brasil rever a excessiva estatização da sua economia? Ela foi imposição da impossibilidade da realização de grandes projetos, como Itaipu, Tucuruí, Nuclebrás e outros, pela iniciativa privada. Mas, hoje em dia há inúmeros empreendimentos que podem, e devem, ser repassados à iniciativa privada, que mostra grande apetite, e mesmo real possibilidade de assumir o controle e o desenvolvimento de alguns desses empreendimentos, podendo fazê-lo com redução de seu pessoal, contração de vários dispêndios, e com a agilidade da gestão e comercialização que não se pode negar ao setor privado.

É tempo, pois, de o Governo Sarney adotar outra política econômico-financeira para o País, reduzindo os gastos governamentais e aceitando maior colaboração do setor privado. O País está próximo, bem próximo, de passar do grupo dos subdesenvolvidos para os de desenvolvimento pleno. É preciso apenas coragem e disposição. Com uma nova postura do Governo, o acordo com relação à dívida externa certamente será realizado, aliviando o País da penosa situação de ser um devedor inadimplente e retardatário. E a volta de uma confiança em novos investimentos no setor produtivo será imediata. Mãos à obra.

Serão essas considerações as de um visionário? Talvez pareçam como tal à vista da confusão política em que o País está mergulhado. Mas, creio eu, bastará uma reassunção da autoridade governamental para que o cenário econômico brasileiro se transmude no total, e nossos credores e financiadores em potencial, assim como os novos investidores, apareçam com planos e realizações em setores vários que inervarão a economia do País.

Bastará o Governo empunhar a varinha de condão da autoridade para que esse milagre se realize. É o que todo o País espera.